

TEORIA-PRÁTICA-TEORIA: manifestações na prática escolar

Carina Tramontina Corrêa*

Resumo: O texto destaca as principais causas que redundam num tratamento dicotomizado da teoria e da prática no processo de ensino-aprendizagem. Descreve a origem dos termos teoria e prática, opta pela unidade dialética entre ambas e analisa suas manifestações na prática escolar. Propõe, como pano de fundo, a superação do cartorialismo pedagógico ainda existente nessa unidade dialética.

Palavras-chave: teoria, prática, didática escolar.

Desde os tempos remotos da educação há a preocupação com a teoria e a prática. Alguns debates referem-se à dicotomia entre os termos e destacam a preocupação de conceituá-los distintamente e, até mesmo, induzir os educadores a fazerem opção entre a importância da teoria ou da prática para o processo educativo, o que redundava, obviamente, em uma infundada dicotomia. Por outro lado, outras questões dizem respeito à necessidade de relacionar tanto a teoria quanto a prática num mesmo patamar e num mesmo nível de importância, enfatizando um tratamento conjuntivo no trabalho pedagógico.

Com base em tais questões, buscar-se-á desenvolver, de modo sucinto, um ponto de vista crítico sobre essas complexas questões, analisando suas manifestações na didática escolar.

*Professora na rede pública de ensino do Rio Grande do Sul. Mestranda em Educação na Universidade de Passo Fundo.

Teoria & prática

De onde vêm estes termos? Qual tem mais valor? Existe uma relação entre eles? O que dizem alguns autores preocupados com essa relação?

Os termos teoria e prática vêm do grego:

Teoria significa originalmente a viagem de uma missão festiva aos lugares do sacrifício: daí surge a ‘teoria’ (experiência), observação dos acontecimentos e também a iniciação para a ação. Por ‘prática’, entendia-se a ação e sobretudo a ação inter-humana consciente (distinta da poiesis que compreendia a ação produtiva e a atividade comercial) (GOERGEN, 1979, p. 24).

A valorização de ambos os termos variou muito ao longo da história. Em determinados momentos da história prevaleceram os conhecimentos classificados como teóricos; em outros, os conhecimentos classificados como práticos. Na análise de Goergen (1979), Sócrates, por exemplo, acentuou a prática, colocando a serviço desta o método teórico da maiêutica. Platão, discípulo de Sócrates, salientou, por sua vez, os aspectos teóricos. Aristóteles vai se contrapor tanto a Sócrates quanto a Platão, isolando os dois termos:

(...) a orientação e iniciação na prática não acontecem através da teoria, mas através da *techne*, uma orientação da ação que deveria servir como introdução consciente na ordem existente. Essa posição de Aristóteles deu origem a duas concepções opostas: a concepção positivista, que isola radicalmente a teoria da prática; e a marxista, que desconhece a dualidade entre teoria e prática, considerando-as como uma unidade sob o domínio da prática (GOERGEN, 1979, p. 24).

Indo além do contexto filosófico, a teoria pode significar um conjunto de enunciados que ordenam e orientam a prática e deveria significar um conjunto de conhecimentos não idênticos nem totalmente distintos da prática, mas provenientes desta, por meio de uma análise crítica que tem por finalidade no seu retorno à prática, esclarecê-la e aperfeiçoá-la.

Já a prática pode significar uma simples atividade profissional, como também um saber objetivo e traduzido em ação. Aqui surge o contraste entre uma realidade concreta e o puramente pensado, o teórico².

No momento em que a teoria se submeter à prática ou a prática submeter-se à teoria, será negada a existência sociocultural do ser humano, a sua existência enquanto um ser de relação com potencialidades inatas e portador de conhecimentos, bem como será impossível oportunizar e mesmo reconhecer seu desenvolvimento integral.

Torna-se inviável, no contexto atual, buscar submeter uma à outra e/ou considerá-las isoladamente, devido às relações que cercam o próprio ser humano e a necessidade de fundamentar, teoricamente, tanto as suas ações quanto analisar as conseqüências daí decorrentes em função de uma teoria que as pressupõe. A partir do momento em que o ser humano não é visto como um ser de relações, inserido em um contexto em que é capaz de agir, transformar, passa a ser desconsiderada uma de suas essências: o pensar, e o fato de ser portador de uma história e de uma bagagem sociocultural que o constrói. Nesse sentido, “isolar a teoria da prática e a prática da teoria é privar o homem de sua capacidade de agir consciente e historicamente” (RAYS, 1997, p. 36).

Portanto, antes de preocupar-se em buscar quem se submete a quem, se à teoria ou à prática, é necessário estabelecer a relação entre ambas, não “as dicotomizando”, mas sim “conjugando-as”, “inter-relacionando-as”. Afinal, uma não exclui a outra, ambas se complementam e se constroem num processo em que se prioriza as relações humanas, seu conhecimento e o seu poder de transformar através da ação.

Práxis dialética

Para poder compreender a relação entre a teoria e a prática, é preciso ir à essência da contribuição que uma tem com a outra, reconhecendo, especialmente, a concepção filosófica que a própria

relação pressupõe. Ou seja, a prática tornar-se-á simples prática no momento em que for reconhecida isoladamente, ação pela ação; a teoria tornar-se-á simples teoria no momento em que for vista apenas como conhecimento.

O ser humano é um ser de relações, que se constrói na relação com o outro e na mediação que tem com o meio em que está inserido. Assim, passa a não ser visto isoladamente, mas sim como uma totalidade resultante da relação que constrói com a sua própria realidade. É aí que surge a práxis. Assim, para Kosík (1976, p. 203-205),

A práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade. (...) A práxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. (...) Não é o encerramento do homem no ídolo da sociedade e da subjetividade social: é a abertura do homem diante da realidade e do ser.

Já no que diz respeito à teoria, esta também trará sempre subjacente uma concepção filosófica. Nesta concepção, ficará explícita a concepção de homem, mundo e sociedade. Portanto, conforme a teoria adotada, estabelecer-se-á um tipo de práxis e, conforme a práxis manifestada, fica evidente a teoria que a determina. Carr (1995, p. 52) explicita de forma bastante clara essa questão, quando afirma:

(...) las distancias entre la teoría y la práctica están totalmente inmersas en los fundamentos conceptuales sobre los que se há construido el conjunto de la práctica de la teoría de la educación, y que sólo se eliminará retirando algunos supuestos básicos dudosos en cuyos términos se han entendido siempre la teoría de la educación y su relación com la práctica.

É neste processo da relação entre a teoria e a práxis que surge a dialética, a qual fundamenta a ação e a reflexão num movimento em espiral, pressupondo contradições e totalidades, pois a realidade, a estrutura do homem e a estrutura do mundo formam um todo dialético. O conhecimento concreto da realidade não consiste, assim, em uma seqüência de fatos, mas em um "...processo de concretização que

procede do todo às partes e das partes ao todo”. É, pois, “neste processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos entram em movimento recíproco e se elucidam mutuamente, que se atinge a concreticidade” (KOSÍK, 1976, p. 41-42).

O mundo é repleto de culturas, de civilizações e é nele que transparecem as experiências individuais e coletivas do ser humano, momentos em que este convive com contradições em busca de uma totalidade, pensando e repensando, constantemente, sobre suas intervenções - ações - e, conseqüentemente, redimensionando novas ações. É no processo da ação - reflexão - ação, fundado num processo dialético concreto, que o ser humano objetiva o mundo social e o mundo da natureza.

A manifestação da teoria-prática na didática escolar: a mediação do educador

Como pode se manifestar a relação teoria-prática na instituição escolar? Qual a didática que deve ser utilizada pelo docente nesta manifestação? Como envolver o educando, dialeticamente, através da didática escolar?

Quando se fala em didática, muitos docentes ainda imaginam “aquela” que se refere a sua ética, as suas atitudes e a simples técnicas de ensino.

Atualmente, a didática passou a ter uma função muito mais ampla e fundamental no trabalho pedagógico, pois é através da manifestação do trabalho pedagógico que ficará transparente, acima de tudo, a concepção filosófica adotada pela instituição, assim como o contrato didático e a práxis pedagógica utilizada pelo docente em busca da formação do educando³.

A partir da problematização da realidade escolar concreta, o corpo docente buscará uma maior conscientização para atuar dialeticamente na instituição, tendo clara a formação integral do educando. Desse modo, a manifestação da relação teoria-prática dar-se-á justamente neste processo de atuação do professor, onde toda a sua mediação terá que ser planejada e materializada, com uma

intencionalidade clara para si e para o próprio educando, o qual passa a ter participação ativa no trabalho realizado, manifestando seu pensamento crítico e criador. Para tanto

“A aula passa a ser sinônimo de concepções políticas, possíveis e conscientes, que ao lado de intenções-intervenções pedagógico-científicas, sociais e culturais, contribuem para a formação onilateral dos educandos” (RAYS, 1998, p. 273).

A unidade da teoria e da prática na didática escolar passa a ser, assim, desafiante para o professor mediador, educador, que busca uma didática de caráter político, educativo e científico. No artigo de Rays (1997, p. 43), encontramos assertivas que complementam essas idéias. Diz o autor:

O efeito político e educativo de uma didática escolar assim concebida extrapola o simples desenvolvimento de mecanismos didáticos internos ao currículo escolar, uma vez que transforma a prática pedagógica num trabalho político-pedagógico-científico, sem perder de vista o horizonte da educação escolarizada comprometida com uma nova ação didática e uma nova ordem social.

É evidente que, se não houver uma compreensão do processo histórico da educação, não se poderá compreender sua situação atual. Também é evidente que para compreender a função do professor e dos demais agentes de uma determinada escola, é indispensável que esta tenha claro, no seu projeto político-pedagógico, qual a sua concepção filosófica de educação. Tudo isso torna-se fundamental na medida em que se entende a educação como um processo.

São inúmeras as teorias que trazem tais concepções; são diversos os autores que contribuem com idéias consideráveis e também questionáveis a respeito do assunto. No entanto, uma escola preocupada em desempenhar um papel que satisfaça as exigências sociais terá que optar criticamente por elementos teórico-metodológicos para nortear sua prática. Deverá, pois, estar consciente da linha teórico-prática que adotará e como envolverá dialeticamente o educando nesse processo, com vistas a uma verdadeira educação.

O professor, diante de todo esse contexto, passa a integrar o rol dos principais agentes de transformação do processo ensino-aprendizagem. Entre outros aspectos, as mudanças que ocorrerão dependerão também dos seus valores, da sua consciência e das suas concepções. Enfim, de sua postura político-pedagógica.

O professor necessita e precisa ter, para atingir esse espírito crítico de transformação, consciência da importância de sua formação constante. O professor necessita, pois, ser muito mais que um simples professor: deve ser, além de um mediador, de um pesquisador, um EDUCADOR. Em síntese, é o educador que determina que tipo de educação acontecerá num determinado processo pedagógico: se repressora, opressora ou aberta, dialética, transformadora.

Por isso, uma formação profissional que envolva concomitante as dimensões política, científica, pedagógica e crítica do educador passa a ser necessária para qualquer atuação educacional.

Esta formação deve primar por um espírito investigativo, conscientizador e, conseqüentemente, ultrapassar os seus próprios limites, transcender a sua situação de “educador” nos moldes tradicionais e estar em constante utopia com a sua própria formação, ou seja, com sede constante de superar-se política e pedagogicamente.

Assim, o professor poderá conscientizar-se da sua importância, da sua presença numa instituição escolar que visa mudança, renovação, transformação e, acima de tudo, uma “transcendência educacional”. Conscientizar-se de que é um ser disposto a ensinar e também aprender, um ser disposto a ser humano num processo de humanização, de mediatização, um ser capaz de considerar unilateralmente a teoria e a prática de forma consciente.

Desta forma, o educador passa a ter a responsabilidade de assumir um compromisso político claramente definido com a escola e, especialmente, com o educando, mediando qualificadamente o fato de “ser professor” no contexto em que atua. É neste momento que ficará explícita a relação entre a teoria que embasa sua prática e a prática que revela a sua teoria, manifestando a correspondência existente entre ambas na sua didática escolar, a qual passa a ser a pupila do seu trabalho pedagógico, em função de ser a transparência desta “transcendência educacional” definida criticamente pelo próprio educador.

Conclusão

No trabalho pedagógico crítico, a relação teoria-prática-teoria necessita, no momento histórico atual, pautar-se por elementos teórico-metodológicos que superem o cartorialismo pedagógico dessa unidade dialética. A unidade teoria-prática-teoria, em ambientes escolares, concretiza-se a partir do momento em que as relações e reciprocidades entre a educação, a sociedade, o conhecimento e as múltiplas faces da cultura forem planejadas e materializadas de forma contextualizada e trabalhadas política e pedagogicamente a partir da reação concreta dos educandos. Somente assim evitar-se-á a dicotomia teoria-prática que tantos males tem causado ao processo educacional.

Notas

1. O contexto filosófico e tais definições foram extraídos do texto de Pedro L. Goergen, “Teoria e prática: problema básico da educação”. In: Rezende, A.M. (Org.). *Iniciação teórica e prática às ciências da educação*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 24-25.

2. Refiro-me à clareza de concepções de ser humano, de sociedade e de mundo que o professor tem. É conforme essas concepções que ficará transposto didaticamente o tipo de indivíduo que se construirá no decorrer do processo educativo.

Referências

CARR, Wilfred. *Una teoría para la educación: hacia una investigación educativa crítica*. Madrid: Ediciones Morata y Fundación Paideia, 1995.

GOERGEN Pedro L. Teoria e prática: problema básico da educação. In: REZENDE, A. M. (Org.). *Iniciação teórica e prática às ciências da educação*. Petrópolis: Vozes, 1979.

KOSÍK, K. *Dialética do concreto*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

RAYS, Oswaldo Alonso. Acepção e função da aula no mundo contemporâneo. In: MARCON T. (Org.). *Educação e universidade: práxis e emancipação*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 273.

_____. A relação teoria-prática na didática escolar crítica. In: VEIGA I. A. P. (Org.). *Didática: o ensino e duas relações*. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1997.